

Dr. Mark Jennings, Mark, Aula 19, Marcos 12:13-27, Conflito com fariseus e saduceus

© 2024 Mark Jennings e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Mark Jennings em seu ensinamento sobre o Evangelho de Marcos. Esta é a sessão 19, Marcos 12:13-37, Conflito com fariseus e saduceus.

Bom dia ou boa tarde.

Estamos continuando nosso trabalho através do capítulo 12 de Marcos aqui. E lembre-se, esta é a última semana da vida de Jesus. E como temos seguido suas previsões, ele sabe que esta é sua última semana.

Isso não é algo desconhecido para ele. E ele é, você sabe, essa pergunta, você sabe, você sempre pergunta se você tivesse apenas alguns dias restantes, você sabe, o que você faria com esses dias? E uma das coisas que Jesus está fazendo com esses dias é que ele continua entrando no templo. E ele é, como eu argumentei, ele amaldiçoou o templo e declarou que seus propósitos estão agora sendo movidos para outro lugar, que ele não existirá mais.

E ele tem se envolvido com a liderança. A liderança tem vindo enquanto ele ensina no templo. E, na verdade, ele tem se envolvido com os líderes de Jerusalém, que, se você pensar no Sinédrio como pano de fundo para tudo isso, eram compostos de três grupos: os fariseus, os saduceus e os escribas.

E o que veremos enquanto trabalhamos é cada um desses grupos surgir e tentar testar e capturar Jesus. E então, você tem, tipo, o quadro completo surgindo. Também estabelecemos que Jesus declarou a liderança religiosa e os associou a inquilinos perversos que rejeitaram seus cuidados com a vinha, rejeitaram o dono da vinha, que na imagem do Antigo Testamento seria Deus, e até rejeitaram o sol e mataram o sol, que Jesus apresenta como ele mesmo.

Então, esse é o pano de fundo para tudo isso. Eu gostaria que olhássemos para uma controvérsia em particular enquanto trabalhamos nessa série de sete que tem a ver com os fariseus. Vamos primeiro com os fariseus e sua questão de tributação.

E depois disso, quero que discutamos os saduceus e depois os escribas. Você verá esse padrão que se desenvolve. Cada um começa com um professor, e cada um lida com uma questão de autoridade.

Então, vamos começar com os versículos 13 a 17. E enviaram-lhe alguns dos fariseus e alguns dos herodianos para o apanharem em alguma palavra. E eles, chegando-se a ele, disseram-lhe: Mestre, sabemos que és verdadeiro e não te importas com a opinião dos outros, porque não te deixas levar pelas aparências, mas ensinas segundo a verdade o caminho de Deus.

É lícito pagar impostos a César ou não? Devemos pagá-los ou não? Mas, conhecendo a hipocrisia deles, ele lhes disse: Por que me põem à prova? Trazei-me um denário para que eu o veja. E eles trouxeram um. E ele lhes disse: De quem é esta imagem e inscrição? Eles lhe disseram: De César.

Jesus disse a eles, deem a César o que é de César e a Deus o que é de Deus. E eles se maravilharam dele. Claro, essa é uma aliança improvável entre os fariseus e os herodianos.

Esses teriam sido dois grupos que, na maioria das circunstâncias, teriam se oposto um ao outro. Os herodianos eram o grupo que era a favor da manutenção da dinastia herodiana, que é uma dinastia que começou com Herodes, o Grande, o Herodes que conhecemos da história do nascimento de Jesus, que começou com Herodes, o Grande, e depois por meio de seus filhos, você sabe, Herodes Antipas, Herodes Filipe, e assim por diante. Eles estavam alinhados com Roma e certamente estavam tentando ganhar o favor de Roma.

Isso frequentemente levou a grandes desenvolvimentos agrícolas, arquitetônicos e urbanos. Havia um processo helenístico que eles aceitavam e apreciavam. Todas as coisas contra as quais os fariseus se posicionavam.

Claro, não nos surpreende agora como leitores de Marcos que os fariseus e os herodianos estejam alinhados porque eles se alinharam antes no ministério de Jesus na Galileia buscando matá-lo. E claro, esse ainda é o relato aqui. E eles começam com bajulação.

E há muita ironia no capítulo 12 durante todo o julgamento de Jesus. Muita ironia quando você tem pessoas dizendo coisas em insulto ou em falsidade ou em bajulação que são realmente verdadeiras, mesmo que elas não percebam. E então, elas o apresentam com sabemos que você é verdadeiro e não se importa com a opinião de ninguém e não é influenciado pelas aparências.

Então, eles estão apresentando a eles essa bajulação de sabemos que vocês nos responderão honestamente e que vocês são professores tão verdadeiros e que vocês desejam as coisas de Deus. Mas Jesus diz, sabendo da hipocrisia deles, e claro, hipocrisia, nós já falamos sobre isso antes, é um dos insultos frequentes de Jesus aos líderes religiosos. Ele os chamaria de hipócritas.

Tinha a ideia de que se você rastrear a palavra grega de volta, na verdade ela começou como um termo para um ator, alguém que se apresentava em um palco para receber aplausos. E então, carrega ainda a ideia de alguém fingindo ser algo que não é. E então aqui, eles estão fingindo pensar que Jesus é um bom professor e querendo ter sua resposta, mas ele sabe que sua verdadeira intenção é prendê-lo e testá-lo.

Mas ele se envolveu, Jesus é muito ativo. Ele não nega isso ali. Ele se envolve na questão.

E ele pede que tragam Denário até eles. Agora, a questão de pagar impostos a César não era uma questão incomum ou uma questão inesperada a ser feita neste contexto, especialmente na Judeia, onde o dinheiro ia diretamente para Roma, enquanto na Galileia, seria canalizado para Roma por meio de Herodes Antipas. Claro, o imposto em questão é um imposto eleitoral.

O Denário era uma moeda de prata romana, naquela época, teria de um lado o busto de Tibério César com uma abreviação que representava uma inscrição que diria Tibério César Augusto, filho do divino Augusto. Então, havia uma qualidade semidivina entendida que estava sendo apresentada a Tibério, uma qualidade de filho de Deus também. Então, do outro lado estaria a imagem da mãe de Tibério, Lívia, com uma inscrição indicando que ela era uma sumo sacerdote.

Então, em outras palavras, a moeda, não é surpreendente que essa questão surja porque até o próprio César, como Denário indicaria, tinha esse culto imperial e essa atividade semidivina. Claro, a questão aparentemente é uma questão brilhante. Ou Jesus pode ser forçado a se comprometer de uma forma que o desacredite, em outras palavras, afirmar a dor do dinheiro para uma figura que se apresenta como uma espécie de blasfêmia divina, ou recusar e dizer que nenhum imposto deve ser pago, colocando-o assim na liga de potenciais revolucionários que podem permitir sua prisão.

Jesus pede uma moeda, e eu sempre acho engraçado que ele não tenha uma dessas moedas, mas todo mundo parece ter. Então, esse tipo de moeda em questão, Jesus não tem. Ele precisa de um deles para providenciar, e eles têm.

Eles têm moedas que são úteis e necessárias para pagar impostos. E ele pergunta de quem é a imagem nela, e então a resposta é que é de César, cuja semelhança e inscrição são estas. Eles disseram de César.

Agora, a resposta que Jesus dá aqui é dar a César as coisas que são de César; em um nível, Jesus reconhece o direito de governo, que há governos e sistemas monetários que existem, e que há uma autoridade implícita. Mas ainda mais, a declaração, e a Deus, as coisas que são Deus, vai ainda mais longe. Claro, coloca a soberania de Deus

sobre todas as coisas, o que incluiria governos humanos, implicando que mesmo a regra final, a soberania final de Deus, é algo sob o qual até mesmo governos humanos estão.

Mas é difícil não perceber a ironia de que, por um lado, a moeda carrega a imagem de César, mas César como humano carrega a imagem de Deus, essa ideia de que o humano, cuja imagem está realmente aqui, até certo ponto, o homem é feito à imagem de Deus. No entanto, isso é meio que compreendido; acho que há quase uma indicação sutil de que tudo é feito a serviço de Deus. Até mesmo o serviço ao governo é um serviço a Deus, e Deus permite que o governo exista e exerça autoridade.

E assim, ele encontra uma maneira em sua resposta de, um, se afastar da revolução contra César e uma declaração de nenhum imposto, mas sem negar essa autoridade soberana de Deus sobre todas as coisas e o serviço final sendo feito a ele. E assim, naturalmente, é claro, eles se maravilham com ele. Os fariseus dificilmente poderiam protestar contra sua reivindicação de dar a Deus tudo o que pertence a Deus, e os herodianos dificilmente poderiam protestar contra a reivindicação de dar a César o que pertence a César.

Então, essas duas partes que estavam, em essência, em desacordo, os fariseus e os herodianos, encontrariam na resposta de Jesus algo com o qual seria difícil para eles discordarem. Então, depois dos fariseus, porém, vem esse próximo grupo, um grupo que não vimos tanto, e que são os saduceus. Então, tivemos o teste dos fariseus, e agora temos o teste dos saduceus nos versículos 18 a 27.

Vou ler isto para você, e então pensaremos no que está acontecendo aqui. E os saduceus chegaram até ele, os quais dizem que não há ressurreição. E eles lhe fizeram uma pergunta, dizendo: Mestre, Moisés nos deixou escrito que se o irmão de um homem morrer e deixar uma esposa, mas não deixar filhos, o homem deve tomar a viúva e gerar descendência para seu irmão.

Havia sete irmãos. O primeiro tomou uma esposa e, quando morreu, não deixou descendência. O segundo tomou-a e morreu, não deixando descendência.

E o terceiro também. E os sete não deixaram descendência. Por último, morreu também a mulher.

Na ressurreição, quando eles ressuscitarem, de quem ela será esposa? Pois os sete a tiveram como esposa. Jesus disse-lhes: Não é por isso que estais enganados? Porque não conheceis as Escrituras nem o poder de Deus. Pois, quando ressuscitam dos mortos, nem se casam, nem são dados em casamento, mas são como os anjos no céu.

Quanto aos mortos serem ressuscitados, você não leu no livro de Moisés, na passagem sobre a sarça, como Deus falou com ele, dizendo: Eu sou o Deus de Abraão, e o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó. Ele não é Deus dos mortos, mas dos vivos. Você está completamente errado.

Agora, os saduceus estão buscando aqui desacreditar a crença de Jesus na ressurreição. Isso é algo, como diz o texto, que os saduceus como grupo negaram, e eles precisam ter certeza de que a ressurreição não está fortemente presente no Antigo Testamento. É prenunciado, é claro, em Isaías 26:19, você vê Ezequiel 7, Daniel 12, Salmos 73, mas não há uma declaração pesada sobre a ressurreição no Antigo Testamento.

Agora, os saduceus eram um partido religioso e também político. Eles estavam em lados opostos com os fariseus, e sua origem, pensamos, provavelmente ocorreu em algum momento durante a ascensão da dinastia hasmoneu, com o sucesso da Revolta dos Macabeus e do governo hasmoneu e as maquinções que meio que ocorreram durante eles. É quando vemos os fariseus aparecerem, e achamos que pode ser um dos saduceus.

Não sabemos muito sobre esse grupo, principalmente porque esse grupo parece não continuar depois da queda do templo. De fato, seu poder estava amplamente ligado à autoridade de Jerusalém. Agora, os saduceus reconhecem apenas o Pentateuco.

Agora, lembre-se do que eu acabei de dizer sobre a ressurreição é insinuado, prenunciado, um pouco mais explicitamente do que outros, em Isaías, Ezequiel, Daniel e Salmos. Nenhum desses são os cinco livros de Moisés, Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. E os saduceus reconheciam apenas o Pentateuco como autoridade bíblica, e então negavam a ressurreição.

Eles eram tipicamente associados à liderança sacerdotal, a classe alta. A razão pela qual não tivemos muita interação com eles até este ponto é que eles estavam principalmente em Jerusalém. Eles estavam amplamente localizados, e sua influência estava na cidade santa.

Então, enquanto os fariseus estavam fora e dispersos no campo, os saduceus não estavam. Assim, Jesus não teve tantas interações com eles até este ponto. Além disso, uma vez que negavam os profetas como escriturais, eles tinham pouco a ver com as reivindicações messiânicas.

A ideia de um Messias por vir, um Messias futuro, etc., era algo que simplesmente não tinha tanta importância para eles. Então, seu alinhamento também com estabelecimentos políticos como Roma não era considerado problemático porque eles não estavam procurando por nenhum Messias. Claro, quando o Templo caiu, sua influência diminuiu.

Em nossa história, porém, eles estão alinhados com os fariseus e têm o mesmo objetivo em termos de desacreditar Jesus. Agora, a história, essa questão, essa hipótese que eles colocam em prática, diz respeito ao costume do casamento de leveret, ou casamento de cunhado, se preferir, que exigia a ideia, decorre do Pentateuco, que se um irmão morresse, ou se um homem morresse, o irmão do homem falecido poderia se casar com a viúva de seu irmão, era se casar com a viúva de seu irmão e criar aqueles filhos como seus herdeiros. Agora, entenda, isso não era, essa prática do casamento de leveret não era para permitir a poligamia.

Esse propósito não era para que alguém pudesse ter mais de uma esposa, mas realmente era permitido proteger a propriedade da família e proteger a viúva. Foi colocado em prática para que, quando o homem morresse, a viúva, que agora é vulnerável, mas que tinha, você sabe, potencialmente havia propriedade, herdeiros, filhos, riqueza que havia sido acumulada, que isso não iria de alguma forma para fora da família, que ela pudesse cair sob a proteção, e seus filhos se tornariam herdeiros, você sabe, de seu tio, e a propriedade seria protegida. Então, foi uma estipulação colocada em prática para proteger nessas situações, e é daí que vem essa ideia.

E então eles estão perguntando, então assumindo o casamento de Leveret, e você tem uma mulher que acaba se casando com sete irmãos antes de terminar, e não tem filhos com nenhum deles, então isso não está permitindo que nenhum homem em particular tenha prioridade porque havia linhagem familiar, o que acontece na ressurreição? E lembre-se, os saduceus negam a ressurreição, então eles realmente não querem saber o que acontece na ressurreição. Eles querem, em sua intenção, mostrar o absurdo da ressurreição porque sua suposição é que a vida da ressurreição é basicamente a continuação da vida presente. Quero dizer, então o que eles assumem, o que quando as pessoas estão ensinando sobre a vida ressuscitada, que era bem similar ao que em certo sentido a vida ressuscitada era entendida, seria apenas a continuação do que está acontecendo.

Então aqui temos a resposta de Jesus, e eu acho fascinante que ele não discuta em termos técnicos. Ele não discute e, na verdade, responde à questão de quem tem o direito no casamento de leveret, quem, ao entender esse processo, seria considerado o primeiro marido primário por ordem ou algo assim. Ele os acusa de não conhecer as escrituras.

Agora, não é nenhuma surpresa que ele os acuse de não conhecer as escrituras porque sempre que Jesus estava respondendo a líderes religiosos, ele geralmente começava com, vocês não leram? Vocês não entendem? E é uma acusação, mas alguém poderia esperar aqui que ele faria referência a uma passagem das escrituras que trata da ressurreição, mas ele não faz isso. Ele, de forma quase, não apenas quase, de forma brilhante, ele mantém a discussão das escrituras nos livros que os saduceus reconhecem. Os saduceus só reconhecem o Pentateuco.

Então, em vez de falar sobre a ressurreição indo para o que os profetas dizem, ou algo assim, em vez de tentar validar a ressurreição, que os saduceus estão tentando invalidar, ele vai ao coração do próprio Pentateuco. Você não leu no livro de Moisés, na passagem sobre a sarça, como Deus falou com ele, dizendo: Eu sou o Deus de Abraão, e o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó? Ele não é o Deus dos mortos, mas dos vivos.

Então, eu acho que é uma, é só, você simplesmente se maravilha com Jesus usando apenas o Pentateuco para falar sobre a ressurreição, e a ideia aqui é que Deus fez uma aliança com esses homens e que Deus continua a manter essa aliança, mas uma aliança só está em vigor com os vivos, não com os mortos. E então, há essa ideia de que Deus fez uma aliança com aqueles que, e continua com aqueles que estão vivos. E ele também, porém, os acusa de serem ignorantes do poder de Deus.

Observe o que ele diz, você sabe, você não entende as escrituras, nem o poder de Deus. Então, eles não entenderam o Pentateuco, nem mesmo o argumento, nem mesmo o Pentateuco fala da ressurreição, mas eles também perdem o poder de Deus. Pois quando eles ressuscitam dos mortos, eles não se casam, nem são dados em casamento, mas são como anjos do céu.

Em outras palavras, ele está dizendo que a vida da ressurreição não é simplesmente a continuação da existência presente, que a vida da ressurreição é uma qualidade de vida diferente, uma natureza de vida diferente, onde a questão do casamento nem é uma que é perguntada, você sabe, porque a existência deles é diferente. E então, aqui temos até agora nessas controvérsias, primeiro os fariseus e herodianos, e na resposta de Jesus, ele dá algo que os fariseus não podem negar, e ele dá aos herodianos algo que os herodianos não podem negar. E aqui com os saduceus, ele argumenta a partir do único texto deles que eles afirmam como escritura, você sabe, e eles não podem negar que é isso que o texto diz.

E então, sua autoridade nesses engajamentos é algo, você sabe, bastante maravilhoso. De fato, é disso que o escriba sobre o qual falaremos a seguir nos versículos 28 a 34; é isso que instiga sua própria resposta. E então, vamos olhar de 28 a 34.

Agora, tenha em mente que temos falado sobre fariseus, saduceus e escribas como os três principais componentes do Sinédrio. Agora, os fariseus vieram para testar, os saduceus vieram para testar, mas nesta imagem deste escriba em particular, você esperaria que os escribas também buscassem prender Jesus. Mas o que teremos aqui é, na verdade, uma conversa muito amigável entre este escriba e Jesus.

Agora, isso não deve ser visto como esse escriba em particular representando o grupo inteiro, pois há, na verdade, algumas declarações duras que serão feitas sobre

escribas mais adiante no capítulo 12. E também vale a pena notar que este não é um grupo que vem a Jesus, como os fariseus e herodianos eram um grupo, os saduceus eram um grupo, este é um escriba em particular, um indivíduo. E é por isso que eu acho que isso também mostra que é diferente.

Mas vamos olhar de 28 a 34 aqui. E um dos escribas se aproximou e os ouviu discutindo entre si, e vendo que ele respondeu bem, ele estava se referindo às respostas aos fariseus e saduceus; ele estava testemunhando isso, e perguntou a ele qual mandamento é o mais importante de todos? Agora, essa questão de qual é o mais importante é realmente mais como a ideia de qual é incumbência de todos, qual substitui os outros mandamentos, qual é o mandamento mais pesado, se você quiser, que informa os outros mandamentos. Essa ideia pesada e leve não é no sentido de qual você pode prescindir e qual você pode fazer, mas qual, em termos de compreensão do resto da Torá, o resto da lei, é a chave hermenêutica.

E esse tipo de pergunta sobre qual é o mais pesado dos mandamentos, qual é o mandamento que informa tudo, não é uma pergunta incomum. Hillel, a quem nos referimos anteriormente em nossa discussão sobre divórcio, representava um dos partidos dos rabinos, aproximadamente contemporâneos de Jesus. Ele fez essa pergunta para um resumo da lei, e ele respondeu com o que realmente é uma versão negativa do que chamaríamos de regra de ouro. Ele diz, o que você não gostaria que fizessem a você, não faça ao seu próximo.

Esta é a Torá inteira, todo o resto é interpretação. Outro rabino, Rabino Akiba, em 135 d.C. , disse que a essência da Torá era amar o próximo como a si mesmo, Levítico 19.8, que aparece aqui. Então, em outras palavras, esta não é uma pergunta incomum.

Jesus dá sua própria resposta a esta pergunta: qual é o mais pesado, isto é, qual é o mandamento que interpreta todos os outros? Qual é o mais importante e incumbente a todos? E ele terminou com Deuteronômio 6:4 e 5. Jesus respondeu, o mais importante é “Ouve, ó Israel, o Senhor nosso Deus, o Senhor é um.” Então, ele começa com o que é conhecido como Shema, a ideia de ouvir, e observe que começa com ouve , ó Israel.

Era algo que provavelmente era citado de manhã e à noite. Interessante notar, você sabe, com o Shema, que teria sido uma das principais confissões da devoção completa a Deus, observe que ali, se você olhar para o texto de Deuteronômio, é na verdade uma resposta tripla, coração, alma e força, enquanto Jesus dá uma resposta quádrupla, você sabe, coração, alma, mente e força. Agora, muita tinta foi derramada sobre isso, e em certo sentido, eu acho que desnecessariamente.

Por exemplo, não acho que isso seja indicativo da idade e do tempo em que a mente agora começou a se elevar, e Jesus está querendo incluir isso. Também não acho que

seja indicativo do fato de que Jesus não conhecia sua Bíblia, certo, o que às vezes é dito. Em vez disso, ambos estão dizendo a mesma coisa.

Agora, em Deuteronômio, a pessoa inteira, certo, poderia ser capturada pelo coração, alma e força, e no coração também estava o tipo de capacidade mental de pensar. Não havia essa separação entre, você sabe, a mente e o coração. Agora, quando você está no seu primeiro século, houve algum tipo de reconsideração do que constituía a pessoa inteira, então agora você tinha, você sabe, com o que Jesus diz, você sabe, aqui, você sabe, coração, alma, mente e força, e o que Jesus está refletindo aqui não é uma adição ao Shema, mas ainda a mesma essência da pessoa inteira.

Amarás o Senhor teu Deus com toda a tua pessoa, com cada aspecto dela. E então ele dá um segundo, e amarás o Senhor teu Deus. O segundo é este, amarás o teu próximo como a ti mesmo.

Não há outro mandamento maior do que estes. Então, ele acrescenta a passagem de Levítico a ele. Agora, a adição de Levítico ao Shema mostra que, para Jesus, os dois juntos revelam a vontade de Deus.

A implicação da ordem é que o amor ao próximo é o resultado de um amor pleno a Deus, esse amor a Deus se confirma no comando de amar o próximo. E então quando os dois maiores, você sabe, qual é o resumo, quais são os dois maiores mandamentos, você sabe, o que Jesus está dizendo é que todo o ensinamento da vontade de Deus pode ser resumido em amar o Senhor seu Deus completamente no Shema, e amar seu próximo como a si mesmo. O escriba, Elias, está satisfeito com isso.

O escriba disse, você está certo, professor, o que eu acho que é uma declaração muito interessante. Você realmente disse que ele é um, e não há outro além dele, e amá-lo com todo o coração, e todo o entendimento, com toda a força, e amar o próximo como a si mesmo é muito mais do que ofertas queimadas e sacrifícios, o que pega, você sabe, o que você tem aqui. O escriba, há muita escritura que o escriba está usando em sua resposta.

Ele está adicionando texto. Ele está afirmando o que Jesus está dizendo, mas incluídos em sua resposta estão ecos de Deuteronômio 4:35, 6:4, Levítico 19:18, 1 Samuel 5:22, Isaías 45:21, Oséias 6:6, e essa ideia de que o que Deus deseja não é sacrifício, mas, você sabe, obediência, devoção e amor ao próximo. E, claro, isso está no contexto do templo em que tudo isso está ocorrendo, que se tornou essa grande entidade sacrificial em vez de um lugar de devoção a Deus e amor ao próximo.

E então Jesus respondeu, e quando Jesus viu que ele respondeu sabiamente, então o que o escriba fez certo? Ele afirmou que a declaração de Jesus era verdadeira, e

então a apoiou com outras evidências para dizê-lo. E quando Jesus viu que ele respondeu sabiamente, ele disse a ele, você não está longe do reino de Deus. E depois disso, ninguém mais ousou lhe fazer perguntas.

Essa é uma declaração fascinante que Jesus faz, que você não está longe do reino de Deus. Agora, tenha em mente que Jesus tem proclamado que o reino de Deus se aproximou em sua pessoa, com os comandos que o acompanham para se arrepender e crer. E então essa declaração do escriba, que se o escriba está tendo essa ideia, e talvez até essa ideia progressiva, se você preferir, de entender que a vontade de Deus é que o maior comando de Deus é amar a Deus completamente, e então expressar esse amor e amor ao próximo, que esse emparelhamento e entendimento das escrituras, se você entende o Antigo Testamento dessa forma, isso deve direcioná-lo para então ser capaz de entender o que Jesus está fazendo, que é apenas devoção total a Deus, exercida em um amor sacrificial, completamente por todos.

E então isso também carrega a ideia de como todo o Antigo Testamento ao fazer isso, ao se conectar com o reino de Deus, que Jesus conectou consigo mesmo, que ele também está dizendo que todo o Antigo Testamento, resumido nesses dois mandamentos, aponta para o que está acontecendo naquele momento, a chegada de Jesus e o plano salvífico de Deus. Então, é uma declaração e troca fascinante e muito amigável. E eu acho que também é encorajador ver que não eram todos os escribas, que todos os fariseus não eram contra ele, todos os escribas não eram contra ele, que havia pessoas que estavam geralmente buscando e discernindo algo em Jesus.

Nós até, é claro, vimos isso em outros lugares com outras pessoas que vinham, líderes religiosos que vinham a Jesus e faziam perguntas. Eu quero meio que continuar avançando aqui para os versículos 35 a 37, e isso provavelmente, você sabe, é onde chegaremos dessa vez. Esta é a sexta na série de controvérsias.

Aqui, é claro, os escribas são colocados em uma visão menor, leem os versículos e então olham para eles. E enquanto Jesus ensinava no templo, ele disse, como os escribas podem dizer que o Cristo é filho de Davi? O próprio Davi e o Espírito Santo declararam, o Senhor disse à minha direita, o Senhor disse ao meu Senhor, sente-se à minha direita, e eu colocarei seus inimigos sob seus pés. O próprio Davi o chama de Senhor, então como ele é seu filho? E a grande multidão o ouviu alegremente.

Jesus está no templo, ele está ensinando, e ele levanta a questão sobre a ancestralidade davídica e as expectativas messiânicas. Claro, nós temos falado sobre a expectativa messiânica o tempo todo, e ela vem de 2 Samuel 7, 11 a 6, onde Natã declara que Deus levantaria um rei messiânico na linhagem de Davi, e essa ideia é captada nos profetas. É disso que temos falado.

E aqui, observe, eles ficaram em silêncio. Eles não estavam mais fazendo perguntas a ele, mas isso não significa que Jesus não tenha mais nada a dizer. Ele então começa, e ele coloca uma questão de inserção: Como é que os escribas argumentam algo? Ele está colocando esse problema. O problema é que o próprio Davi chama essa figura de Senhor, que é, você sabe, por estar na linhagem davídica, o Messias que viria teria sido filho de Davi, e está colocando isso na questão de como é possível que o Rei Davi diria a um de seus descendentes, Senhor.

E ele cita o Salmo 110 :1, que é a passagem do Antigo Testamento mais citada no Novo Testamento. Esta é citada mais vezes do que qualquer outra passagem. É consistentemente usada para afirmar Jesus e sua identidade messiânica.

Agora, Jesus já aceitou implicitamente o filho de Davi do cego Bartimeu. Ele não corrigiu o cego Bartimeu quando o chamou de filho de Davi. Então agora essa questão está meio que fechando o círculo.

Mas fascinante, ele coloca o problema. Ele coloca o problema, como é possível? Mas ele não responde. Ele não responde.

Davi se autodenomina Senhor, então como ele é seu filho? É fascinante, Jesus na verdade não o faz, não temos Jesus respondendo nisso. Ele apenas disse, ele apresenta o problema. Claro, como um leitor de Marcos, agora estamos prontos para responder a essa pergunta.

Sabemos desde a abertura até o batismo e a transfiguração que é porque o filho de Davi não é outro senão o Filho de Deus. E então, mesmo nesta frase, nos encontramos prontos para afirmar a resposta ao problema que Jesus deu aqui. E as multidões aproveitam.

Continuaremos trabalhando no Evangelho de Marcos quando nos reunirmos novamente. Obrigado.

Este é o Dr. Mark Jennings em seu ensinamento sobre o Evangelho de Marcos. Esta é a sessão 19, Marcos 12:13-37, Conflito com fariseus e saduceus.